



TAXA PAGA
PORTUGAL
CCE DE VESAS

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiaito

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

26 de Setembro de 2009 • Ano LXVI • N.º 1710
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiaito • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

JÁ nada familiarizado com o verde da natureza, uma constante que quase torna homogénea a paisagem do norte do país, reencontro neste mundo onde se vê menos o céu no alto e mais na terra.

Por entre montes, zigzagueiam as estradas que nos levam a lugares e pessoas, conhecidos. Desta vez aquela família, agora mais numerosa, com mais três rebentos. Quando nos conhecemos, há uma boa dúzia de anos, viviam num casebre que na altura me fez lembrar a gruta de Belém. Um menino era o filho do casal, agora já um rapaz a entrar na adolescência.

Neste reencontro, é agora uma bebé com um ano de idade, a nova alegria do casal e da família. Os Pobres podem passar muitas pri-

vações, e passam-nas, mas Deus dá-lhes tanta alegria que, muitos tidos por ricos, nunca tiveram ou nunca não-de ter. Uma alegria que nós partilhámos quando os visitámos, e que nos enche o coração. De facto, o maior valor neste mundo não está nas coisas mas nas pessoas, quando elas reflectem a bondade de Deus.

Mais. Na visita ao Pobre não somos nós que levamos algo, antes vamos receber. Aquilo que tu pões nas nossas mãos indignas e que deixamos nas dos que visitamos, tem o condão de te dar a parte que te cabe nesta mesma alegria, e que ninguém poderá tirar. As bem-aventuranças não são letra morta mas Verdade.

A visita ao Pobre, na sua casa, é o momento maior na vida sofre-

mente vivida pelo padre da rua, na sua qualidade de enviado. Esta visita é verdadeiramente sentida, tantas vezes, como um encontro de família, qual antecipação daquela família maior de que todos os que nela nasceram e viveram, farão parte.

É quase sempre uma necessidade material que nos chama. Por esta chegamos à satisfação das carências de ordem espiritual que também nós levamos, e que nos vêm dar novo alento, nova vida.

O mais premente neste momento era o necessário para a aquisição dos livros escolares, para o pequeno que se inicia na vida de estudante e para os outros dois a frequentar o 2.º ciclo; o pouco

Continua na página 3

LEVE-O CONSIGO...

Padre João

UMA certa disponibilidade de tempo fez-me estender a alma e o coração à procura de notícias de alguns Rapazes, que tendo passado alguns anos em nossas Casas, lhes perdemos o «rasto».

Trata-se de um exercício da memória que nos leva a mergulhar na dimensão da misericórdia de Deus que vai sempre à procura da «ovelha perdida» ou esfarrapada nas duras veredas da vida. Por outro lado, faz-nos aprofundar o mistério da Caridade do qual a Obra da Rua, na comunhão com o Pai Américo é, digamos, expressão sacramental.

Acabo de sair de ao pé do B.F., em reclusão na cadeia de Alcoentre. A bondade dos seus responsáveis, franqueou-me a entrada, pois que assomei em dia em que as visitas não são permitidas. Disse quem era e quem queria visitar. Responderam que viesse a partir de certa hora... esperei duas horas e meia. Enquanto esperava, meditava. Meditava no Evangelho de S. Mateus que trata do «Juízo Final» (Mt. 25, 31-45)... Tinha sido este Evangelho o da Missa da minha ordenação sacerdotal. Meditava, que o escutara naquele dia como nunca... Costas direitas em banco sem encosto... enquanto escutava, passava na minha mente uma multidão de gente sofrida, identificada com Cristo Crucificado: «Eu estava nu... com fome e com sede... eu estava preso...»

Há poucos dias tinha sido o Simpósio do Clero de Portugal, em Fátima. De todas as intervenções oportunas e interpelantes de peritos de renome eclesial, ficou-me a belíssima homilia do Bispo de Leiria-Fátima no dia em que presidiu à Eucaristia da memória litúrgica de S. Gregório Magno. Tomei-a como um grito interpelante, sentido, profundo, saído da alma ferida de um Pastor apaixonado pelo Amor misericordioso de Cristo. O Bispo desafiou os mais de oitocentos Presbíteros ali presentes a assumirem como programa pastoral das suas vidas as dimensões do Amor misericordioso de Cristo, tão queridas a S. Gregório Magno, para com mais fracos, os mais feridos, os mais estranhos: os preferidos do Senhor.

De repente, a porta onde aguardava o Rapaz abriu-se. O Rapaz ficou suspenso quando me viu. Não contava! A conversa

Continua na página 3

VISTAS DE DENTRO

Padre Telmo

O «Flora», há dias, chamou-me pai. Fiquei sensibilizado. Confesso que algumas vezes lhe puxei as orelhas — quando ele tinha 13 anos. Se fosse hoje, seria preso!

A televisão estava perto do meu quatinho, lá, no sótão. Uma noite cheguei tarde e encontro o «Flora» todo tranquilo a ver um filme violento — *facadas e sangue*.

— Oh, «Flora», a que horas e que filme?!

— Não se assuste senhor Padre, as espadas são de plástico e o sangue é mercúrio.

Não houve orelhas. Entrei no quarto e ele foi prá cama.

O «Flora» é, hoje, um homem casado e com filhos. Tem um emprego, carro e, sobretudo, uma família amorosa. O seu abraço e o «pai» entraram, como bálsamo, no meu coração.

Dr. Manuel Rabelais foi nosso em Malanje até à nacionalização da nossa Casa. Depois, seguiu os estudos nas escolas do Estado. Quando nos entregaram, de novo, a nossa Casa, era ele Director da Rádio Nacional.

Um dia de recados em plena Luanda, fui ter ao gabinete de recepção da Rádio. O meu can-

saço, camisa amarrotada e cabelo em desalinho puseram um sorriso muito amarelinho na cara bonita da menina da recepção. Tive necessidade de lhe dizer: «Diga ao senhor Director que é o Padre Telmo». Seu sorriso ficou cor-de-rosa quando viu o senhor Director a vir e levar-me pelo braço para o seu gabinete.

Hoje, o Dr. Manuel Rabelais é Ministro. Nunca fui roubar-lhe tempo ao seu gabinete... Quando estou aflito — mando-lhe um cartão: Manuel, mando-te um irmão gaiaito, vê se podes dar-lhe uma ajuda no emprego. Ele dá. Somos família.

Continua na página 4

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

«Como a família é verdade!»

SE a gente pudesse revelar as tristezas, os sofrimentos e as angústias dos nossos rapazes, até que eles desabrochem para uma vida sadia de espírito... Se a gente pudesse fazê-los saltar barreiras, como de resto fisicamente são capazes. Se a gente pudesse inserir neles a semente da Fé, para terem um apego novo a valores mais altos, que aqueles que a sua natureza tragicamente os fez carregar para o mundo dos vivos... Se a gente pudesse traçar um caminho seguro para cada um iniciar uma vida nova estruturada na inteligência e numa vontade

forte... Se a gente os pudesse fazer renascer... Se a gente, se a gente... fosse uma mãe que os embala no seio e sonha sonhos lindos para seus filhos e depois de os dar à luz, se mantém tão vigilante que lhes adivinha os problemas e antes que sejam, já os acautelou e está sempre vigilante ao seu lado. Como seria belo educar crianças abandonadas, que antes foram indesejadas, mal nutridas, desprezadas, maltratadas e rejeitadas pelas famílias, e para cúmulo, estropiadas pela sociedade onde cresceram os primeiros anos, e receberam o

escárnio dos sobejos e a lavagem da imoralidade que escorre como esgoto a céu aberto pelo escuro das ruas da cidade, até que um coração dolorido pulsou forte, se debruçou e as acolheu.

Não estou a empolar casos extremos, de tantos aqui acolhidos, mas a dar conta de «como a família é verdade», como lembra Pai Américo. De como as nossas Casas, que ele idealizou, são necessárias e de como dentro delas vivemos os nossos problemas, para poder salvar os filhos que Deus nos deu, como tantas vezes a Irmã Quitéria e eu desabafamos um para o outro, ao olhar

Continua na página 3

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

150 ANOS DA SSVV — Estão a decorrer as comemorações dos 150 anos da Sociedade de S. Vicente de Paulo, em Portugal. Pediram-nos um texto para o número especial da Escalada (o boletim do Conselho Central do Porto Masculino da SSVV) alusivo a esta efeméride. O que nos ocorreu foi escrever sobre o tema "O futuro precisa de nós". Com efeito, achamos que assim é por duas razões, pelo menos, sobre as quais já escrevemos aqui várias vezes. Uma tem que ver com uma tendência futura sobre a qual não é incerteza nenhuma, a saber, o envelhecimento da população. Visitar os idosos, especialmente os que carecem de apoio familiar, e ser uma presença amiga junto deles, é uma coisa que os Vicentinos já fazem muito e que vai ser preciso que alguém faça cada vez mais.

A outra razão pela qual o futuro vai precisar dos Vicentinos tem que ver com outra tendência em relação à qual não há muita incerteza sobre o que o futuro nos reserva. Estamos a referir-nos à instabilidade na organização das famílias. Sendo a família o objecto central da "visita domiciliária" vicentina já há aqui, e continuará a haver cada vez mais, um vasto campo de acção para os Vicentinos.

REGRESSO ÀS AULAS — Estamos em maré de regresso às aulas. Com elas, como é habitual, chegam-nos pedidos da parte daqueles para quem a ajuda da Acção Social não é suficiente. Quando isso se justifica, completamos o que falta.

Mais do que vos falarmos destes casos habituais na nossa acção, este regresso às aulas sugere-nos uma reflexão sobre um assunto em relação ao qual nos parece que há muito fazer dentro das escolas e em relação com as escolas, nomeadamente por parte da Sociedade de S. Vicente de Paulo e de outras organizações de acção socio-caritativa. Estamos a referir-nos à educação que é preciso fazer das crianças e dos jovens no sentido de desenvolverem as suas capacidades de serviço aos outros. Nalgumas instituições de ensino isso já é feito, como acontece, por exemplo, no Centro Regional do Porto da Universidade Católica através da CASO-Católica Solidária, mas ainda é pouco. É preciso multiplicar estes "casos" pelas escolas deste país fora e desenvolver relações entre este tipo de iniciativas e o trabalho que os Vicentinos e outros que se dedicam ao serviço do próximo vão fazendo. Essa será uma boa maneira de contribuir para combater os dois problemas sociais que atrás referimos a propósito dos 150 anos da SSVV.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

SETÚBAL

Danilo Rodrigues

ESCOLA — Terminaram as férias, agora a tarefa mais difícil: escola.

Durante vários anos, pouco antes falado, tem havido uma antítese contrastiva onde se pode ver abstractamente um panorama de desinteresse e, às vezes, interesse. Aí, a antítese.

No período escolar, os nossos rapazes reclamam as férias e, por tanto reclamarem, esquecem-se, por vezes, do seu dever. Tudo bem. As férias vêm. Aí, os rapazes também reclamam a escola e, também, por vezes, esquecem-se de descansar. Ora, o contraste desenha-se irónico: na escola pensam nas férias e não se concentram, depois, nas férias pensam na escola e não descansam, logo, no ano a seguir, na escola, vão descansar o que não descansaram nas férias e pensarão no mesmo. O ciclo continuará sempre aí até a maturidade aparecer!..

E esta, como me diziam há pouco tempo, aparece no Homem com trabalho e responsabilidade...

Bem, não sei se estarei à altura, mas já comecei a traçar um caminho na minha vida!..

Agora veremos se não me distraio e se tenho a tal maturidade. Tenho que ter! Tenho mesmo que tenho que ter!..

Aliás, todos nós temos que ter porque somos diferentes, temos caminhos diferentes, mas todos lutamos pelo mesmo: a construção da vida!..

VINDIMA — Este ano, como em todos os anteriores, alguns rapazes foram requeridos como voluntários e, cerca de uns quinze, foram em direcção à nossa vinha para a vindima anual. A produção da uva na nossa vinha aproveitava-se para o alimento do rapaz de cada dia e, por isso, tem de haver cuidados com a forma como tratamos o que produzimos. E todos os anos a produção da uva é boa!.. Acho que, depois, também comercializamos o produto para a criação de vinho na fábrica, (não sei bem) mas parece-me que seja assim... Quem não procura não tem!

MÚSICA — Com o início do ano escolar, também os nossos músicos preparam o ano musical, pois terão de suportar o cargo que carregam ao longo do ano, tentando gerir ambas as coisas. No princípio parece fácil, mas depois, o fácil torna-se difícil e o difícil torna-se complicado. Que o diga o André Jorge que já aguenta este peso há seis anos, mas para quem tudo quer, o peso é leve.

Na nossa Casa temos agora quatro rapazes a frequentarem o Conservatório Regional de Setúbal e Capricho Musical Setubalense. Mas, outros também se juntarão, por vontade, à nossa bandinha filarmónica que planeamos construir. Até agora temos estes músicos para a banda: o Rúben Pinho, que há uns anos foi aluno no Conservatório, na flauta; o Júnior Vezo, ainda aluno de grande potencial, com o saxofone; Marco Aurélio e Rodrigo Rodrigues, também antigos alunos do Conservatório, nos clarinetes; André Jorge, ainda aluno e de uma enorme revelação, no trompete; Cláudio Dias, que praticou guitarra dedilhada durante seis anos, também nos quer ajudar; e Danilo Rodrigues, também ainda aluno, na percussão e prática de teclado. Depois, juntar-se-ão outros, ainda a designar, que também querem ajudar, não só nos instrumentos como na construção da nossa banda.

Acredito que, com todo este talento, esforço e empenho, poderemos fazer coisas com que nunca sonhámos porque nós queremos isto. E até, num futuro próximo, poderemos produzir músicas nossas com a ajuda da disciplina que dois alunos frequentam, TDC (Técnica de Composição). □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

ESCOLA DO 1.º CICLO — A 14 de Setembro, arrancou o ano escolar, na nossa Escola. No dia 11, sexta-feira, houve uma reunião de uma Professora com vários Encarregados de Educação. Da nossa Casa, 10 Rapazes vão frequentar o 1.º Ciclo. Algumas salas (como a biblioteca, a enfermaria e a dos Professores destacados) mudaram de espaço, para melhor. As obras de adaptação do refeitório e da copa continuaram.

ESCOLA DE MIRANDA DO CORVO — Na Escola EB 2,3 c/ Sec. de Miranda do Corvo, as aulas começaram a 14 de Setembro. Frequentam este estabelecimento de ensino alguns Rapazes: Luís Grazina, Diogo Silva e Joaquim (5.º ano); Feliciano (6.º ano); Arlindo, Bacar e Madi (7.º ano) e Belizário (8.º ano). Esperamos deles bom aproveitamento e comportamento.

LAR DO GAIATO DE COIMBRA — Procedeu-se, no início do ano lectivo, ao arranjo dos quintais exteriores, cortando ervas daninhas. E preparou-se o Lar para receber os Rapazes que aí ficam a estudar.

Desde o dia 11 de Setembro, nas Escolas de Coimbra (Secundária D. Duarte, Avelar Brotero, José Falcão, Martim de Freitas), começaram as aulas para os 9 Rapazes do Lar de Coimbra.

BUSTO DE PAI AMÉRICO — Finalmente, vai ser inaugurado, a 19 de Setembro, pelas 11.00h, um busto do nosso Pai Américo, na Av. Dr. Dias da Silva, conforme tinha sido anunciado nas comemorações dos seus 120 anos. É uma homenagem muito justa, da cidade de Coimbra, pelo bem que fez pelos Pobres e Rapazes da rua.

VIDA ESPIRITUAL — Temos celebrado sempre as primeiras sextas-feiras com a Eucaristia, pelas 19.30h. E houve, ainda, Confissões, no primeiro sábado de Setembro, às 18.00h. Alguns dos mais pequenos quiseram falar com os senhores Padres, o que é bom!

VISITAS DE FAMILIARES — Alguns pais dos Rapazes da casa-mãe, oriundos da Guiné-Bissau, têm

vindo da zona de Lisboa visitar os seus filhos, que não podem ter com eles por razões económicas e ausência das mães, nesse país, pobre.

PISCINA — Foi encontrada outra fuga de água na nossa piscina. Por isso, abriu-se na casa das máquinas outra janela para acesso às tubagens. Verificou-se que uma delas estava rota; e teve de ser consertada.

AGRO-PECUÁRIA — O tempo manteve-se quente e seco, o que complicou a situação dos incêndios florestais, também na região.

As boas espigas de milho encontram-se a secar, nos caules, nos campos junto à rotunda Padre Américo.

Com a roçadoura, tem-se andado a cortar muitas ervas daninhas, em vários sítios, como no largo dos animais, à frente e atrás das oficinas.

Colheram-se vagens secas de feijão, cujas sementes foram debulhadas por Rapazes pequenos.

Das batatas que apanhámos e se armazenaram, vários dos pequenos têm ajudado a separar aquelas que estão a apodrecer, no celeiro da batata, por cima das galinhas. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

VINDIMAS — Para relembrar velhos tempos, vamos participar, sábado, dia 3 de Outubro, na vindima na Casa do Gaiato. Traz a tua tesoura, luvas e roupa a condizer, para te juntares aos vindimadores.

Para participar, faz chegar a tua confirmação à Associação ou pelos tels: 917414417 ou 912163569.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Continuamos com a campanha, para isso, todos os antigos associados devem reinscrever-se na nossa sede, ou contactar-nos pelos tels. atrás indicados, pois pensamos

que a quota mensal de 50-cêntimos é acessível a todos.

Sejam bem-vindos, pois a associação será o que todos juntos fizermos por ela. Agradecemos também a amabilidade de alguns sócios que estão já a efectuar o pagamento antecipado das quotas.

GRUPO DESPORTIVO — Continuamos a dinamizar a vertente desportiva da nossa Associação. Para isso, contamos com a presença assídua, aos Domingos de manhã, no campo de futebol da Casa do Gaiato, dos associados que queiram desem-

penar as pernas e dar umas corridas atrás da bola.

No atletismo, temos participado em várias provas do circuito municipal de atletismo de Penafiel. Este mês, já fomos a Rio Mau, Lagares e Irivo mas precisamos de mais atletas...

LOJA SOCIAL — Registamos a oferta de um computador, doado por um antigo gaiato, e algumas colecções de livros para a nossa biblioteca. Aveiro também marca presença com as suas ofertas. A todos bem-haja. □

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Começou o ano lectivo 2009/2010 no dia 14 deste mês. De manhã apresentação dos nossos rapazes que andam no 6.º, 8.º e 9.º e de tarde foi apresentação dos dois rapazes que passaram para o 5.º ano, conhecer a escola e o seu funcionamento e a respectiva directora de turma. Os três de Cinfães e um rapaz que entrou no curso de hotelaria na Escola Profissional Infante D. Henrique tiveram também no dia 14 apresentação. Já estão os livros escolares para os nossos rapazes numa papelaria agora só falta ir buscá-los e o «Almeidinha» distribuir.

LAR DO PORTO — No passado dia 13 de Setembro a maior parte dos nossos rapazes foram para o Porto, para o nosso Lar, devido ao início das aulas e das apresentações nas escolas. Ficaram na nossa casa de Paço de Sousa 4 rapazes devido a só começarem no próximo dia 21.

RAPAZ NOVO — Há três semanas recebemos um rapaz novo, com 15 anos, de Mação, Santarém.

É pouco frequente entrar rapazes novos com um percurso escolar regu-

lar e coerente com a idade. Vai para a escola CICCOPN na Maia para o 10.º Ano no curso de instalações de energias renováveis e irá ficar no Lar do Porto. Esperamos que ele se adapte bem e que receba todo o carinho de uma família unida como somos.

ANIMAIS — Um dos nossos rapazes foi marcado com outros dois para apanhar figos no nosso pomar quando ele reparou que havia 10 novos pintainhos com cores diferentes e dois deles são brancos. Também reparou no pormenor em que o galo chocava os ovos enquanto a galinha descansava e quando a galinha trocava com o galo, ele ficava à porta a guardá-la. Há uma semana atrás recebemos novas vacas e um boi de cor castanha. Agora há mais diversidade em animais e em cores.

Zé Reis

DESPORTO — Acabaram as férias. Agora, é tempo de começar a trabalhar.

Vão começar os treinos, e depois, vamos aos jogos do nosso campeonato, que fazem parte de outra galá-

xia! Vamos ter que construir uma equipa de raiz, para tentarmos realisar mais um ano de convívio aos fins-de-semana.

Espero que todos, de um modo geral, consigamos pôr os valores humanos acima dos do futebol, independentemente de haver ou não habilidade para a prática do mesmo. É bom que todos compareçam e participem de alma e coração no bom funcionamento do Grupo Desportivo. Que ninguém conte com facilidades, já que a época vai ser dura; e, o esforço e a dedicação de cada um vão ser necessários.

Nesta minha primeira crónica da época, faço desde já um apelo: seria bom, que no decorrer desta, todos estivessem de acordo em realizar o *Inter-Casas* — convívio tão desejado por toda a família gaiata.

Os convívios entre família, são o tempero para uma amizade e uma ligação mais forte entre os Rapazes. Seria bom, não embarçar o futebol-convívio com as nossas teimosias. O que nasce dentro das quatro linhas, tem que lá morrer.

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Continuação da página 1

para o fosso em que alguns estão, sem compreenderem que estão perdidos, e não conseguem nem ouvir-nos e compreender a palavra amiga que queremos acenda uma luz no seu espírito.

Como vêm marcados e desequilibrados no seu espírito, que nem nas aulas, nem são capazes de fixar a atenção, nem no convívio com os companheiros são sociáveis. Mas com as companheiras de carteira são atrevidos e soltam os instintos. Pena que não levem mais chineladas delas e fiquem ainda ufanos da sua fan-

tasia animalesca. Com a Psiquiatria são atrevidos e ela tem de ser firme e impor respeito.

Aí, não querem mais o seu apoio e quase nos vemos num beco sem saída, não fora o conhecimento de todo o seu passado e a ajuda que a Deus imploramos e recebemos, pois para isso nos chamou a servi-IO e a servi-los, «amando-os mais, amando-os até ao fim. Basta-lhes a desgraça de serem os mais difíceis, os mais repelentes, os mais viciados. Assim amou o Mestre, assim ensina o Evangelho» escreveu Pai Américo. Como ele intuiu este ensinamento que nos legou!

Duvido que alguém que não participe deste seu modo de amar, possa fazê-lo.

Não é com psicologia de manuais, muito menos com discriminações por idades, com instalações sofisticadas, com mimos e bugigangas, que se arrancam das trevas para a luz, estes rapazes da rua. É preciso gastar-nos até ao aniquilamento. Aliás, quanto menos valem, mais Deus se vale de nós.

Escrevo esta na perspectiva de receber um Padre que vem de longe para nos conhecer. Que seja uma hora de Deus, para ele e para nós. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

Mais uma vez aqui estou a dar notícias dos nosso Encontro aos nossos estimados Leitores.

Este ano alguns dos mais assíduos faltaram por motivo de doença: a esposa do Tavares, a contas com um transplante, impediu-nos de a ver junto de nós (operações destas são sempre delicadas, mas acreditamos na ciência); o Manuel Fernandes também, mais uma vez a doença não o deixou estar presente, ele que gosta de presentear os nossos Leitores com as suas «crónicas»... A ambos desejamos rápidas melhoras e regressem aos nossos convívios, em breve.

Sexta-feira foi dia de compras e preparos para que nada faltasse. Os responsáveis, Júlio e Pinho, receberam ajuda daqueles que nunca se furtam ao trabalho. Era vê-los, depois, sentados à mesa a desfrutar uma boa refeição que o Manuel «Barrigas» e o Pedro, nos assadores, ajudaram a confeccionar.

Este ano as senhoras surpreende-

ram os homens, que quando se preparavam para lavar a loiça já estava limpa e arrumada!

Depois do jantar de sábado, enquanto fomos tomar um cafezinho, a camarata destinada às senhoras foi invadida por um «ovni», que obrigou os organizadores, desorganizados, a intervir de imediato: as senhoras mudaram-se para a camarata dos homens e, estes, os mais destemidos, lá ficaram para enfrentar o dito-cujo, não sem antes fazer uso de um *spray milagroso* que atenuou o ambiente!

Na manhã de domingo, um passeio à beira-mar com lembranças de África: as aventuras do «Manelzito» — agora nos Estados Unidos — e do «Laranjinha», aquando da fuga para a África do Sul... Enfim, muitos risos e saudades de tempos que não voltam, mas sempre lembrados em cada ano que passa.

Às 11h00 a Missa, celebrada pelo nosso Padre Telmo (o nosso «pai africano», como alguns já lhe cha-

mam), as violas do João Mourato e filho fizeram-se entoar e os cânticos melodiosos saíram da boca dos presentes. Ali reunidos, junto ao Altar de Cristo, sentimo-nos pequeninos, mas com forças para aclamar a imensidão do Amor que Ele nutre por nós, e agradecemos-Lhe a paz que nos concede. Pai Américo, sempre presente, nunca esquecido, mensageiro a quem pedimos que interceda por nós e por todos os presentes nas nossas Casas do Gaiato. São reuniões nunca esquecidas junto ao Altar do Senhor.

No almoço, achurrascado, reinou a alegria e a boa disposição, não faltando nada, nem o bolo com que a Felismina nos presenteou. De seguida, as fotos de família, que ficam para mais tarde recordar.

Ficou decidido que, no próximo ano, os organizadores do evento, que vai ser no Sul, são o «Falcão» e o «Quim Peroselo», que esperamos continuem a primar para que os nossos Encontros sejam, sempre, alegres e aligerçados no Amor, Paz e Alegria.

As despedidas com abraços, longos e apertados, são prova disso.

Até lá. □



Dizia-me o Zezinho de Setúbal, a propósito de um grupo de ingleses que por lá passou: «É preciso fazer mais convívios entre todos. Com futebol, com teatro e com outras actividades que estejam ao alcance de cada Casa».

Não basta dizer: «... que o desporto...» É preciso por em prática. Pai Américo, segundo me dizia há dias um dos gaiatos do seu tempo, quando via que as coisas não corriam bem dentro das quatro linhas, chegava lá e dizia: «Acabou. Amanhã vou mandar lavar o campo». Mas não mandava! Na semana seguinte, tudo rolava como se nada se tivesse

passado. Pelo que se lê, mais o que está à vista de olhos, Pai Américo não era pessoa de guardar ressentimentos: «(...) O «Xancaxé» pregou-me há dias com uma bola na cara, no campo de jogos; foi um chuto. Foi sem querer, como ele disse; e foi. Mas eu andei mais de 15 dias sem ver de um olho e com os óculos partidos. (...) O senhor director com um olho botado abaixo pelo «Xancaxé»! Desprestígio! Assim não. Assim ficou tudo em nada...» — e como se esperava, o campo por lavar!

Pai Américo, sabia «puxar as orelhas» na hora da verdade, mas também sabia compreender os Rapazes

com o seu coração de Pai. «(...) Sim senhor. Tudo vai bem. Já temos uma bola. Temos equipas. O F. C. Porto empresta-nos o campo. V. vamos dar chuteiras. Tudo vai bem. — Assim se despediu o 'Cete'. Isto é maravilhoso. Pode alguém dizer não?! (...) Se vamos retirar a estes rapazes as condições de alegria, eles jamais encontram a vida».

Façamos como Pai Américo e não se diga não ao Inter-Casas de 2010. Quem vai ganhar? Isso é o que menos importa, apesar de cada qual puxar a brasa para a sua sardinha.

Alberto («Resende»)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

As feridas humanas relatadas aqui, têm feito sangrar também o coração de muita gente de boa vontade e de Fé.

Era um casal de idosos. Vieram, de Setúbal à Casa do Gaiato, de táxi, naturalmente, movidos pela esperança de algum alívio.

Queriam falar comigo. O rosto de ambos indicava-me ansiedade e sofrimento.

Em todas as idades o penar humano nos impressiona, mas, na velhice, a influência é mais forte.

Uma história simples como tantas outras. Viviam numa casa com o filho que os abandonou e foi morar com uma mulher para o estrangeiro. A renda da casa é de quatrocentos euros. A reforma dele, de trezentos e oitenta euros, e a dela, de duzentos e noventa e cinco. A farmácia leva-lhes tudo.

Ameaçados de ir para a rua, por não pagarem renda desde Abril, vieram chorar junto de mim. Claro, que lhes perguntei porque preferiram o táxi ao autocarro e lhes disse também, que muitas vezes, fiz este trajecto a pé.

Que teriam de arranjar uma casa mais pequena, um T1 bastaria para eles viverem. Estou no campo das hipóteses. Há por aí muitas casas vagas, mas não se alugam e as que se arrendam, mesmo pequenas, são caras para reformas tão diminutas. Mas falei, falei. Encorajei-os a procurar, dizendo-lhes que lhes resolvia agora o caso, mas que era a última vez. A gente tem de fazer máscara de mau embora com o coração a sangrar. Fui à despensa e meti-lhes, em vários sacos, a mercearia de que precisariam e dei-lhes dois mil euros, em cheque endossado à senhoria. Que não digam a ninguém é sempre a minha recomendação, não só por causa do silêncio evangélico, mas também porque, há quem sabendo, nos pressione para os ajudar.

É o caso de uma senhora que me ameaçou, por vários telefonemas, durante alguns dias. Pedia ajuda, porque necessitava tanto. Não posso sem ver. — *Se não me ajuda eu fujo ou mato-me!*

— Isso, já não é comigo — respondi-lhe. Mas um remorso profundo rói-me a alma. Não acudimos a todos. Durante este intervalo de tempo, valem a muita gente. Não comprei ainda a casa para o rapaz, explorado pelo ovelheiro, que agora, de boca limpa e pés quase limpos, já trabalha.

Proximamente, darei notícias mais animadoras dos projectos em curso.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal

Algerúz

2910-281 Setúbal. □

LEVE-O CONSIGO...

Padre João

Continuação da página 1

foi direita, logo, para a Casa do Gaiato, onde estive três anos. A sua fisionomia transfigurava-se enquanto lhe dava notícias. Ele queria saber dos seus companheiros, enquanto se espantava com a circunstância de eu saber ainda o nome deles, de onde se encontravam muitos e do que alguns fazem na vida. Ao seu semblante risonho — que sempre mostrou — misturava-se, de vez em quando, um ar de ansiedade e amargura. Eu adivinhava e participava na sua dor. Conhecia os traços sangrentos da sua infância e adolescência. Quanta responsabilidade no acolhimento ao jeito de Jesus... «foi a Mim que o fizeste». Meditava nas nossas demissões, incúrias, desmazelos e segregações em matéria de acção educativa. Perguntei-lhe se ainda sabia rezar. Que sim! Mas que só sabe pedir! Perguntei-lhe ainda se queria ficar assinante do jornal O GAIATO. Respondeu que sim, acrescentando que o que mais gostava de ler sempre eram as notícias da horta, da quinta, dos pássaros e dos ninhos... O tempo voava, fiquei em regressar logo que pudesse. Despedimo-nos e não sei o que é que passou pela cabeça do guarda prisional que ao despedir-se de mim, gritou: «Leve-o consigo!» Claro que regressei emocionado e perturbado e... «Trouxe-o comigo». Sim, trouxe-o comigo porque eu senti que Jesus o tomara há muito para Si. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

de que dispõem é mais urgentemente gasto nos medicamentos que todos, por uma razão ou por outra, necessitam, sobrando a aflição de ter que os mandar para a escola sem as devidas ferramentas. Mais tarde receberão algum apoio escolar mas entretanto é preciso investir. Quando vier não faltarão necessidades a satisfazer.

Como este, outros casos de carências semelhantes nesta época do ano batem à nossa porta. E também outras aflições, de famílias em risco de ficar sem casa por não terem meios para pagar as rendas. São também outras necessidades fundamentais, que o desemprego, a doença ou o abandono familiar, nos levam a partilhar a vida dos Pobres e com eles vencermos o desalento e o desânimo que estas situações criam nas suas vidas.

Se as coisas materiais que lhes transmitimos são um bem, não é menor o bem de nos sentiremos próximos, comungando vida com vida. Se uma carência material é ultrapassada sempre, por quem habituado está à privação, mais difícil é vencer o isolamento, o abandono e a marginalização, que consome a vida de tantos pobres de afecto e calor humano. Os nossos Pobres sofrem também esta pobreza. □

BENGUELA

Padre Manuel António

O amor é a fonte

FOI um domingo diferente. Cerca de 500 crianças, adolescentes e jovens, juntaram-se em nossa Casa. Vieram dalgumas instituições, onde são acolhidas, na ausência da família natural.

A iniciativa foi assumida pela associação "Chá de Cachinde", de carácter cultural, com uma vertente promotora da solidariedade social. O almoço comunitário e outras actividades recreativas encheram todas as horas do dia. A beleza desta manifestação apareceu no ambiente familiar que animou o encontro. Os mais pequeninos e pequeninas sentiram o carinho de quantos os serviam, ao jeito dos pais e irmãos mais velhos. A sociedade civil participou com a oferta de tudo o necessário para o almoço.

Contudo, a nota mais saliente do acontecimento é a chamada da atenção para o compromisso de todos, na linha da solidariedade social. As empresas devem abrir-se, sem medo, aos apelos de ajuda. Na medida em que o fizerem estão a construir as bases mais sólidas para sua própria segurança. Como

é necessária esta solidariedade das empresas! É uma experiência muito interessante da nossa vida. Ajudar a construir uma sociedade mais fraterna, mais pacífica, é uma tarefa de que os empresários não podem abdicar. De igual modo, qualquer comunidade deve sentir que os laços mais fortes e seguros brotam da solidariedade. O amor é a fonte. Quem dera as comunidades sintam a responsabilidade por todos e cada um dos seus membros! Os mais débeis, os mais pequenos, os mais pobres, ocupem o primeiro lugar. Lembrei-me, de repente, do princípio enunciado por Pai Américo: «Cada freguesia cuide dos seus pobres». É duma actualidade flagrante. Cada comunidade deve sentir-se pai, mãe dos que têm mais necessidade. Não são os filhos que devem ser os pedintes. São os pais que cuidam dos filhos. Quando cada comunidade for uma família, teremos um corpo social, uma nação, cheia de saúde.

Como será possível caminhar na direcção deste ideal? Só na medida em que cada um de nós sair de si mesmo e olhar para a

Cruz como o sinal do amor a indicar-nos o dom da nossa vida pelos outros. O egoísmo não deixa. A indiferença é caminho mais cómodo. O medo de perder, quando damos por amor, paralisa a minha e a tua generosidade. Mas vamos para a frente! Queremos construir uma sociedade justa. Fraterna. Só o nosso amor será capaz da revolução para um mundo novo. Ao olhar à nossa volta; ao sentir o bater suave das mãos estendidas; ao fitar os olhos confiantes de quem espera o que necessita para viver, só há um caminho: Amar. Dar-se. Entendemos se experimentamos.

Oxalá a associação "Chá de Cachinde", ao repetir mensalmente a actividade, noutros locais, consiga o objectivo principal: mais amor; mais solidariedade. □

PENSAMENTO

Nunca nos hão-de faltar Pobres. Não é preciso fazer Miseráveis.

Pai Américo

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Vou semear!

A humanidade é ameaçada por desastres naturais. E enfrenta, também, um grande desafio, neste século: a degradação ambiental do nosso planeta. A emissão massiva de dióxido de carbono e outros gases provoca o efeito de estufa, que conduz a mudanças climáticas. Por outro lado, vem acontecendo a exploração desenfreada de recursos naturais, a poluição das águas e dos solos e a destruição significativa de áreas florestais, como a Amazónia, com a consequente extinção de muitas espécies de seres vivos. Os pulmões verdes são essenciais à vida humana.

Os incêndios florestais, em vários países, como os mediterrânicos, entre os quais Portugal, tocam-nos de perto, através dos relatos noticiosos e pela sua proximidade.

Salvaguardar a Criação é uma obrigação moral, para ser transmitida às gerações futuras. Porém, há grandes interesses económicos dos países industrializados para extrair e produzir energias que levam à sua destruição.

Recentemente, nesta região, como noutras, grandes massas de fumo elevaram-se com intensidade, provenientes da combustão de uma mancha florestal, que obrigou a mobilizar vários meios terrestres e aéreos, com celeridade, no seu combate. Nessa tarde, com os sons aflitos das sirenes dos bombeiros, e o movimento das avionetas e dos helicópteros, muita gente e também

os nossos Rapazes estiveram de olhos fitos no céu cinzento, que acabou por ensombrar o dia.

Alguns resíduos desse incêndio foram arrastados pelos ventos e acabaram por se precipitar também no átrio desta Casa. O cenário de folhas queimadas e cinzas perturbou as actividades e deixou inquieta a garotada.

Estas nuvens de fumo foram uma ocasião para os consciencializar de comportamentos adequados, de maneira que se provoquem os mínimos danos possíveis a si próprios e no ambiente que nos rodeia.

A nível humano, propriamente dito, outro fumo, que é produzido pelo consumo de tabaco, tem encontrado alguma oposição cívica, ratificada legalmente. Mesmo assim, tem havido uma tendência de subida. Nós últimos meses, cresceram as vendas e também nas marcas de custo inferior. É sabido que a privação deste vício tem imensas vantagens na saúde pessoal e comunitária, e ganhos na economia doméstica.

É de sacudir, firmemente, do nosso ambiente familiar tal fenómeno, ao qual não estamos isentos. A adolescência é uma fase titubeante, pela tentativa de auto-afirmação.

Em sentido oposto, há dias, o Luís Miguel sonhou com um cantinho verde. E, no nosso parque, das brincadeiras, cuja superfície é arenosa... Numa refeição, depois de saciado com umas

boas talhadas de melancia, não quis perder nenhuma semente das ditas fatias. Embrulhou-as, cuidadosamente, no seu guardanapo. E afirmou, convictamente: — Vou semear!... Entretanto, chamou-nos com destreza para ser verificada tal sementeira, na qual colocou pequenos ramos, no solo. E, feliz, ufanava-se: — As sementes já cresceram! Na verdade, avistámos pequenas hastes com folhitas verdes, nesse canteiro, improvisado.

O pequeno, com 7 anos, vive agora num mundo belo e bom de sonhos, que comandam a sua vida. Rodeado de verdura, em sua Casa, também quer contribuir, à sua maneira, para um mundo mais verde, oxigenado.

Este rapazito, às vezes, emperrega-se, no relacionamento com os pares. Contudo, como toda a pessoa humana, na profundidade do seu ser, é chamado a construir a paz, semeando-a... A sua carita encheu-se de alegria com o crescimento das suas sementes.

Quem dera que as árvores de crescimento lento voltassem, de novo, na sua extensão ancestral. Lentos vão países, ditos desenvolvidos, na protecção do meio ambiente, ignorando que a Terra é, cada vez mais, a casa comum de todos. E, também, dos mais frágeis, indefesos ao ar que se respira, à água que se bebe e ao solo cultivado. *Dominar a Terra* não é degradá-la e concentrar os recursos nos poderosos. Os habitats naturais e os mais Pobres acabam por estar à mercê de interesses sem escrúpulos, que destroem o meio ambiente e comprometem a sobrevivência da vida humana. □

A Caridade na Verdade

TUDO o que hoje aqui quero sublinhar (serei capaz?) está contido naquela segunda verdade de que parte a «Populorum Progressio», citada há quinze dias mas que repito: *O autêntico desenvolvimento do homem diz respeito unitariamente à totalidade da pessoa em todas as suas dimensões*»:

«Na sua 'visão articulada' de desenvolvimento, Paulo VI queria indicar antes de mais o objectivo de fazer sair os povos da fome, da miséria, das doenças endémicas, do analfabetismo.»

Este é um primeiro passo sem o qual nada. Pai Américo disse-o tantas vezes: «Não vale pregar a estômagos vazios. Primeiro pão, depois pão, outra vez pão... e depois, sim, o Evangelho». Por isso ele O pregou insistentemente a tantos de estômago cheio, convicto de que estes não acordariam para aqueles senão pela força do Evangelho. São os pobres de outra pobreza, aqueles, justamente, a quem os Papas primariamente se dirigem nas Encíclicas Sociais, para que eles não se embriaguem da sua ciência económica, de um fundamentalismo tecnológico tanto em voga, tecnologia admirável em si-mesma, mas que exige do homem uma vigilância constante, uma inteligência dela que a demarque na área dos instrumentos — senão «o feitiço volta-se contra o feiteiro» e em vez de conduzir os homens a um progresso autêntico, crescem as injustiças e as desigualdades. É o alerta que a História recente nos grita com o alargar do abismo entre ricos e pobres, cada vez mais acentuado. Sem o espírito que o Evangelho tem para ser bebido pelos teóricos do mundo que queiram reconhecer-se na sua dimensão humana (isto é, sejam humildes, o que equivale a serem verdadeiros) e bebam desse espírito, «jamais se construirá a sociedade segundo a liberdade e a justiça». Sem Caridade na Verdade nunca se chegará à Justiça.

«Para o desenvolvimento autêntico é necessária a confiança em Deus e no homem». E quanto aos homens não há que discriminá-los em activos e passivos, antes aproveitar as capacidades humanas de todos na convicção de que «o homem está constitutivamente inclinado para 'ser mais' (...) E 'ser mais' significa que 'o desenvolvimento autêntico deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo. (...) Esta é a vocação do homem. (...) E o progresso — repetimos — é na sua origem e na sua essência, uma 'vocação'. (...) Não há, portanto, verdadeiro humanismo senão o aberto ao Absoluto, reconhecendo uma vocação que exprime a ideia exacta do que é a vida humana. Esta visão do desenvolvimento é o coração da 'Populorum Progressio'». E a partir desta visão continua a reflectir Paulo VI: — Sobre a Liberdade: «O desenvolvimento humano integral supõe a liberdade responsável da pessoa e dos povos». Tendo, embora, «a percepção da importância das estruturas económicas e das instituições, (...) o que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à Humanidade inteira». (...) E «o Evangelho é elemento fundamental do desenvolvimento porque lá Cristo, 'com a própria revelação do mistério do Pai e do Seu amor, revela o homem a si-mesmo'».

— Sobre a Caridade: «As causas do subdesenvolvimento não são primariamente de ordem material». Antes se fundam: «em primeiro lugar, na vontade que descuida os deveres da solidariedade; em segundo, no pensamento que nem sempre sabe orientar convenientemente o querer: e ainda mais importante, na falta de fraternidade entre os homens e os povos». Deste ponto, que é afinal a meta do verdadeiro desenvolvimento social, resulta «a urgência das reformas que, à vista dos grandes problemas da injustiça no desenvolvimento dos povos, actuem com coragem, cuja fonte (haverá outra?) seja a Caridade na Verdade, por meio da qual «esta sociedade cada vez mais globalizada nos não torne apenas mais vizinhos, mas nos faça irmãos».

Padre Carlos

Peço licença para uma notazinha, em estilo «pé de página», a respeito das reformas e da coragem reclamadas por Paulo VI. Pela negativa quanto esta doutrina seria ilustrada (e pela positiva deveria ser motivadora de reparação!) se subíssemos na História ao século XIX, à Conferência de Berlim quando as Potências Europeias descobriram África e dividiram entre si os territórios segundo as suas riquezas e no esquecimento absoluto dos povos que lá viviam. Assim aconteceu esse *pecado contra-natura* que é o mapa político do Continente, sobretudo na parte sub-sahariana. □

VISTAS DE DENTRO

Padre Telmo

Continuação da página 1

Hoje, vi dois melros poisarem numa ameixoeira e, tranquilos, tomarem o pequeno-almoço com duas ameixoas pretas — madurinhas.

Noutro tempo, não. Era um «Batatinha» ladino que trepava, sem ser visto, e se deliciava. Logo a seguir, e já fora da zona perigosa, se nos encontrava nas ruas da Aldeia — corria para nós de braços abertos como filho para sua mãe...

Os melros podem estar tranquilos, os canos se voltaram contra as crianças — mesmo antes de nascer.

Imaginei: Pai Américo subindo a avenida dos carvalhos da Casa do Gaiato, tudo deserto...

Que pensaria? Que atitude perante esta falta de crianças? Um bilhete de avião para África ou América Latina? Lá as crianças são multidão!

Muitas delas sub-alimentadas, sem carinho nem escola!

Dá para pensarmos e ficarmos tristes... □